

O DESEMPREGO E A PANDEMIA NO BRASIL

Agravamento da pandemia e incertezas econômicas são os principais responsáveis pelo recorde de desemprego no país

Ana Paula Rodrigues • Arthur Mariani • Gabriela Luisa Pagliano de Angelo • Isabela Teser • Lais Zorzete Marchiore

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de desempregados no Brasil atingiu 14,3 milhões em janeiro deste ano. Essa Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a PNAD, teve início em 2012 e aponta recorde histórico para o país, que vem enfrentando uma grave crise econômica. Do início do ano até março, a taxa de 14,4% se manteve estável, porém se comparada com o

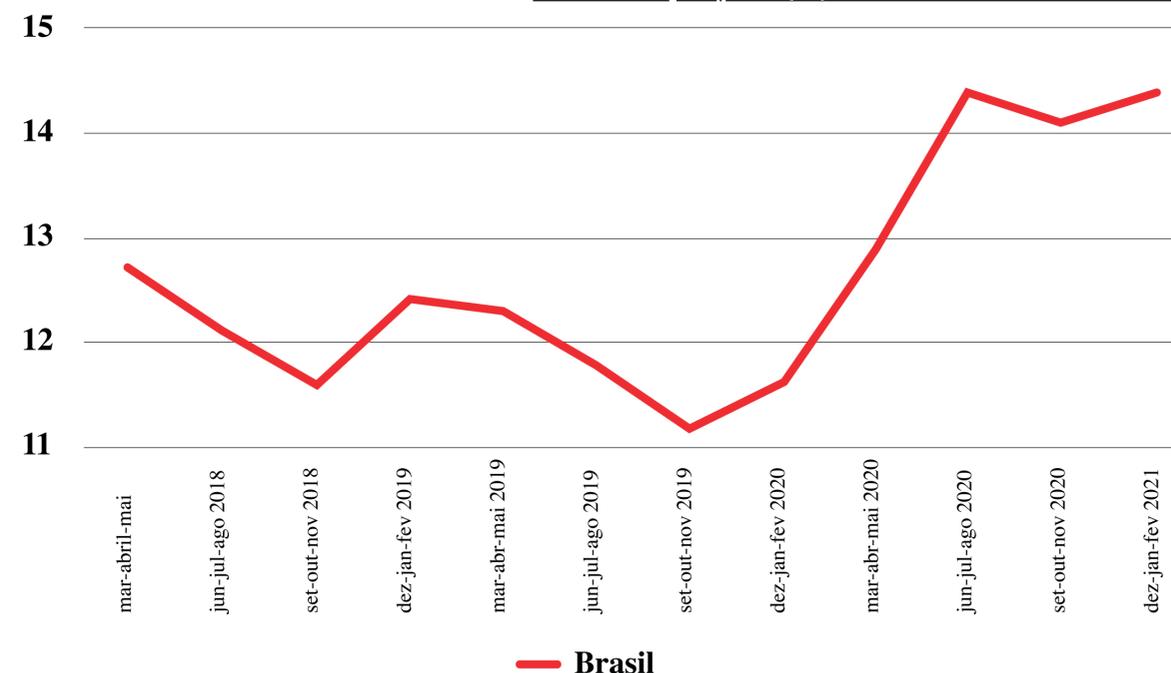
mesmo período do ano anterior, houve um crescimento de 2,7 pontos percentuais. Entre os principais fatores que explicam essa piora na projeção está o agravamento da pandemia e as incertezas sobre a recuperação econômica do Brasil.

As falhas e má gestão do sistema de saúde do país bem como as preocupações com as contas públicas e o orçamento planejado para 2021 são

também parte desses dados negativos. De acordo com um levantamento feito pela agência de classificação de risco Austin Rating, a partir dos dados projetados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil deverá ser considerado o 14º país com a pior taxa de desemprego no mundo. Esse ranking com dados desde 2016, comparou os índices oficiais do país com as projeções do FMI para 2021.

Foto: Marjanblan / Unsplash

Taxa de Desocupação (%)



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Mensal

Conforme apontam as pesquisas da Austin Ratings, o Brasil ficará à frente de países como Colômbia, Argentina e Chile e continuará caminhando contra a taxa média global, estimada em 8,7% para este ano.

“A taxa de desemprego do Brasil vai ficar acima de dois dígitos por um bom tempo ainda. Em 2021, vamos ter o problema agravado por conta principalmente da questão fiscal, da ausência de reformas e da demora na questão da imunização contra a Covid-19, o que afeta a confiança de investidores e empresários, e atrasa o processo de recuperação do emprego” afirma o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini em entrevista ao G1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) é a principal fer-

ramenta de monitoramento das forças de trabalho no Brasil, e corresponde a mais de 200 mil domicílios pesquisados. Ao todo foram dez grupamentos de atividades analisados. A taxa de ocupação se manteve estável em relação ao trimestre móvel de setembro a novembro, porém esses dados mudam quando comparados ao mesmo trimestre (dezembro a fevereiro) do ano passado:

Indústria Geral (10,8%, ou menos 1,3 milhão de pessoas), Construção (9,2%, ou menos 612 mil pessoas), Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (11,1%, ou menos 2,0 milhão de pessoas), Transporte, armazenagem e correio (12,2%, ou menos 607 mil pessoas), Alojamento e alimentação (27,4%, ou menos 1,5 milhão de pessoas), Outros serviços (18,1%, ou menos

917 mil pessoas) e Serviços domésticos (20,6%, ou menos 1,3 milhão de pessoas).

Segundo uma pesquisa Datafolha realizada em março deste ano, quase 80% dos brasileiros acreditam que o desemprego vai aumentar nos próximos meses, sendo que para 79% dos entrevistados a expectativa é de piora, 10% acredita que ficará estável e 10% confia em uma melhora. Esse é o pior resultado da pesquisa para a mesma pergunta desde 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Esse pessimismo é agravado levando em consideração as questões da pandemia. O número de pessoas que acreditam não conseguir arrumar um emprego subiu para 25,3% na comparação com o último trimestre de 2019.

A pandemia da covid-19 tem ligação com os números exacerbados de desemprego no Brasil?

O sociólogo e doutor em educação Édio Mariani explica que a pandemia vem afetando não a população em geral, mas principalmente uma classe que foi muito prejudicada, se não a mais. Os autônomos foram os mais prejudicados pela queda de rendimento no ano passado: receberam apenas 76% no segundo trimestre de 2020 do que habitualmente arrecadam e, no quarto trimestre, 90%. Os dados foram calculados com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Diante da pandemia mundial que estamos passando, isso afetou sociologicamente todos os seres humanos do planeta, não existe países ou pessoas que não sofreram a influência da covid. Seja pela questão econômica, seja pela questão de saúde e também pela questão psicológica e de relacionamento que acaba sendo afetado também.”, diz Édio.

Quanto sobre os autônomos dentro da pandemia, segundo dados do IPEA, foi um dos grupos

da nossa sociedade mais afetados durante a pandemia. Eles receberam em torno de 30% a menos do que eles recebiam antes da pandemia, o que obriga essa população de autônomos a buscar outros meios e soluções para complementar a renda ou ter o mínimo para sustento seu e de sua família. O sociólogo diz que isso afeta a convivência, a saúde do autônomo e até mesmo a relação familiar fica mais triste, mais abatida, consequentemente acaba cortando o nível de compra, de gerar ou movimentar a economia. Inclusive na área educacional sabe-se que os autônomos foram os primeiros que procuraram escolas que diminuíram o valor da mensalidade ou também a troca da escola particular para escola pública. “Então, com certeza, durante a pandemia os segmentos dos autônomos são um dos mais afetados por tudo que o covid vem alterando e fazendo em nossa sociedade”, conclui Mariani.

Segundo Michel Freigi, trader e economista formado pela Instituição Toledo de Ensino, o mercado informal foi o mais impac-

tado pela pandemia por conta da redução da atividade econômica, reforçando o pensamento de Édio Mariani. Com a menor circulação de pessoas, muitos trabalhadores perderam clientes, como os vendedores ambulantes. Além disso, sem possuir vínculos formais, os trabalhadores autônomos ficaram sem nenhum tipo de seguridade ou compensação durante a crise. E como a maior parte das famílias também perdeu renda, o volume de negócios também caiu.

Caso o autônomo tenha funcionários, ele e seus familiares também são afetados. É uma cadeia: a partir do momento que o autônomo deixa de ganhar, afeta várias outras pessoas que dependem dele ou da sua cadeia de produção. Pode gerar perda até para mercados, por exemplo. Isso afeta, mesmo que pouco, o PIB, porque é uma “empresa” que parou de produzir. Na pandemia, milhares de autônomos pararam de lucrar juntos. Circulando menos dinheiro, multinacionais param de investir. Pensando assim, os autônomos que fazem menos lucro afetam também a economia nacional.



A palavra daqueles que sofreram com seus comércios autônomos na pandemia

Os calçados foram um grande marco na economia da cidade de Jaú, interior de São Paulo, visto que a cidade é conhecida pelo Shopping Território do calçado. Com a pandemia, muitas pessoas perderam seus empregos, o que resultou em menos vendas dos calçados, levando ao fechamento de mais fábricas e lojas por não ter condições de sustentar os funcionários, lojas, produções.

Apesar de muitos autônomos calçadistas estarem fora do mercado do trabalho, há aqueles que ainda estão atuando no mercado, porém,

tendo várias consequências diante do cenário atual em que estamos vivendo. Luciano Roberto Tesser, de 48 anos, calçadista autônomo na cidade de Jaú, é um exemplo do que vem enfrentando trabalhando com o calçado em meio a pandemia. “Em tempos de pandemia, prestar serviços para o calçado -economia que hoje em dia não gerava mais lucros- tem sido um grande desafio. Para sobreviver como autônomo na área do calçado nessa pandemia somente se reinventando com outra forma de renda”, relata Luciano. Apesar de não ter perdido seu emprego,

Luciano não tem seu pagamento em dia mesmo com o pouco que é produzido. “Se não tiver outra renda o que nos resta é fazer empréstimos, cortar gastos, dividir faturas e se endividar”, desabafa. Isso tem um grande impacto no dia-a-dia do autônomo, interferindo no atraso de contas, nas despesas e no sustento. Assim como Luciano, vários outros autônomos do país todo estão nessa triste situação, onde uns estão mais vulneráveis que outros, passando até fome.

Mas não é só o setor calçadista que vive uma crise. A empresa Yara Brasil, multinacional norueguesa de fertilizantes líquidos, fechou uma unidade na cidade de Jaú. Apesar desse segmento de fertilizantes líquidos não ser mais tão atraente como antes, a pandemia contribuiu para esse fechamento e mais desempregos.

Paula Gabriela Fayan Leonelli, 39 anos, era assistente de PCP na empresa Yara. Antes que fechassem as portas, a empresa deu um aviso prévio para seus funcionários no dia 06 de janeiro de 2021, no qual dizia que as atividades se encerrariam em março. Mas por conta de imprevistos, a data do encerramento foi prorrogada para 15 de maio de 2021.



Foto: Tayler Brandon / Unsplash

Com isso, a ex-funcionária adiou a busca por um novo emprego: “Diante das incertezas em relação as datas, me guardei um pouco, antes de começar a soltar currículo no mercado”, diz. Apesar da empresa estar com as datas de encerramento das atividades definidas, Paula não ficará sem emprego, pois já está realocada novamente no mercado de trabalho.

Mas a realidade de Paula é uma exceção de acordo com pesquisas do IBGE divulgadas pelo G1. São mais de 28 milhões de pessoas que não conseguem voltar para o mercado de trabalho por conta da pandemia do coronavírus. “Me coloco no lugar de muitos outros trabalhadores, pais de família, que

estão passando pelo mesmo que eu, e ainda não tiveram a chance de um novo emprego”, afirma Paula, ex-assistente de PCP.

Os serviços considerados não essenciais foram impedidos de funcionarem por várias vezes durante a pandemia. Rosângela Monteiro, de Avaré, autônoma e cabelereira há mais de 10 anos, conta que em tantos anos de trabalho nunca vivenciou algo parecido. Ela afirma que seu salão de beleza nunca ficou tanto tempo fechado e que isso impactou diretamente em suas condições financeiras, afinal seu salão era sua única fonte de renda. Com um filho de 9 anos, viu de perto a necessidade de cortar gastos, como tirar seu filho da

escola particular em que estudava.

Com comércios fechados e sem festas, Rosângela diz que sua clientela caiu em níveis alarmantes. “Sem os eventos acontecendo e sem sair de casa as pessoas acabam não vindo ao salão para fazer unhas ou cabelo. Para alguns, meu trabalho se tornou supérfluo durante a pandemia”, afirma. O que para muitos tornou-se fútil, para Rosângela significou não ter seu rendimento no fim do mês. Além da falta de clientes, sofreu também com a alta dos preços dos produtos necessários em seu salão, tendo que subir os preços dos serviços que oferece.

“Mesmo quando pude abrir o salão, continuei sentindo com a ausência dos clientes, pois a grande maioria ainda tinha medo de frequentar certos lugares e um deles eram os salões de beleza.” Para Rosângela, ganhar novamente a confiança da população e mostrar que seu estabelecimento é seguro para suas clientes é um desafio, no qual vem enfrentando até hoje. Seguindo todos os protocolos da OMS, ela tenta manter seu negócio aberto e atendendo um número reduzido de pessoas. “Sinto que mesmo com a reabertura gradual dos estabelecimentos o meu trabalho deixou de ser uma prioridade

para meus clientes”. Também na cidade de Avaré, a microempreendedora Eliana Trevizan tem um pequeno comércio de bairro onde vende produtos de limpeza, localizado na cidade de Avaré. Com o início da pandemia, a comerciante sentiu o número de clientes decair, impactando em seu faturamento ao fim do mês.

Além de produtos de limpeza, vende também algumas roupas de forma improvisada para auxiliar na renda. Por sorte, seu empreendimento não teve que fechar durante o lockdown por ser considerado essencial, mas ainda assim

Eliana conta que sua renda caiu consideravelmente comparado aos anos anteriores a pandemia.

O fato das pessoas preferirem comprar em grandes supermercados e em número reduzido impactou diretamente na venda de seus produtos. A alta no preço da matéria prima também foi uma questão difícil para a empreendedora. Um exemplo é falta de clientes pagarem os credores, que se tornou um dos maiores desafios ao fim do mês. Para Eliana tiveram dois momentos muito difíceis durante o período de isolamento, que contou em relato.

Relato de Eliana Trevizan

“

O primeiro momento difícil que vivenciei foi há pouco tempo. Em abril de 2021 fiquei 15 dias sem vender absolutamente nada, ninguém entrava na minha loja e eu não entendia o porquê. Mesmo com o pouco fluxo de clientes, nunca havia ficado um vazio tão grande. Eis que um dia uma cliente chegou até mim perguntando sobre o estado de saúde do meu marido. Eu, assustada, a questioneei sobre, afinal todos em minha casa estavam bem de saúde. Foi então que descobri que um comerciante local, também do bairro, havia espalhado um boato de que meu marido estava com covid e que estava até internado. Foi então que

entendi o vazio por 15 dias seguidos: por conta de um boato meus clientes ficaram com medo de entrar em meu estabelecimento e isso me afetou não só financeiramente, mas também emocionalmente, afinal cheguei ao fim do mês com nem mesmo a metade do dinheiro que precisaria para pagar minhas contas. Tive então a atitude de usar as redes sociais para desmentir esse boato absurdo. O segundo momento tem se passado agora, que acabei contraindo covid e terei que ficar de portas fechadas por 15 dias, temo por minha saúde, mas também pelo impacto que será no meu empreendimento.”